

# COMO SE CRIOU UM ERRO QUE CUSTA A DESFAZER

Por JOSÉ DE BRAGANÇA

**M**OSTRÁMOS, no artigo de 24-III, como, forçando o texto de Francisco de Holanda e adulterando pormenores da pintura, se procurou es-

de nós pela afirmação do seu génio e do que se sabe da sua situação como pintor».

A conclusão antecipava-se, assim, às provas, mais

toda a parte cheia de mistério».

Efectivamente, há cinquenta anos, em França estavam no início os estudos da sua pintura chamada primitiva e em Espanha sabia-se ainda bem pouco acerca da sua produção artística dessas eras remotas.

O gosto e a compreensão dos primitivos mal despontava entre os estudiosos. Mas, neste meio século transcorrido, multiplicaram-se os

meios de investigação científica oficiais, reconhecendo a importância desse espelho sempre vivo da civilização que é a Arte.

A Escola do Louvre, o Instituto de História de Arte da Sorbonne, os cursos das Faculdades de Letras em cada centro cultural da França não cessam de trazer à luz da publicidade uma vasta bibliografia, conscienciosamente edificada sobre documentos de arquivos e veri-

ficações técnicas de exames laboratoriais.

Em Espanha, o Instituto Diego Velasquez, o Instituto Amatller e os Laboratórios das suas Faculdades de Letras, além do labor constante dos Museus, mantêm uma actividade fecunda, que cria de geração em geração novos

(Continua nas págs. contras)

Jorge Afonso passou a ser Francisco Henriques; Francisco Henriques deixou, portanto, de ser o pintor do retábulo de Palmela; Domingos Barbosa era afinal Domingos Vieira... E nem uma interrogação para Nuno Gonçalves?

tabelecer a identificação de Nuno Gonçalves como autor dos celebrados painéis.

Sem mais exame, alguns dos mais ilustres críticos e historiadores de Arte aceitaram a interpretação — entre eles E. Bertheux e Elias Tormo — tanto mais facilmente quanto ela lhes era dada pelo próprio director do Museu, num livro que começava por estas palavras:

«Poucos quadros do século XV estarão tão completamente identificados como os que constituem o objecto desta monografia: e poucos também terão a sua história tão completamente esclarecida, e o seu autor tão perto

que discutíveis. E continuando: «A história artística, até meados do século XVI, é por

**QUINTA-FEIRA à tarde**

N.º 171

## UMA «HISTÓRIA DO BRASIL»

Por ADONIAS FILHO

**A** história, hoje na dependência de ciências novas e novas que colaboram nas pesquisas e nas conclusões — a antropologia cultural como a psicologia social, a etnografia como a linguística — já demonstrou precisar de revisão em proleto de percepção mais objectiva para os acontecimentos e as figuras que a constituem. Veículo que coordena o processo cultural, procurando explicá-lo e compreendê-lo, é intrínseca sua mobilidade no sentido de ajustar-se às exigências científicas. Na composição historiográfica, em consequência, se possível a complementação ao actualizar-se, imprescindível a fixação nessa perspectiva que permite o reconhecimento como um documento e não como uma revelação. O historiador, em consequência, ao contrário do filósofo ou do ensaísta da história, é um especialista que tem no método crítico o mais válido de todos os seus instrumentos.

Mas, ao restringir-se a um povo, indo aos elementos da formação e vivência contemporânea, o que sobretudo interessa no trânsito da evolução — é aquela configuração que partindo dos

(Continua na 10.ª pág.)

### FOMENTO DA LEITURA.

Para verificar que o movimento de livros emprestados pela Biblioteca Municipal de Elbaek, na Jutlândia, era muito pequeno a Municipalidade colocou um autocarro à disposição dos habitantes, oferecendo-lhes viagens grátis com a condição de apresentarem um livro da Biblioteca Municipal como passe.

## O NOME de Ferreira de Castro foi dado a uma rua de Teresópolis



**O**s jornais do Rio de Janeiro noticiam que a Câmara Municipal de Teresópolis, cidade que Ferreira de Castro visitou na sua recente estada no Brasil, vai dar o nome do grande romancista a uma das suas ruas.

A proposta foi do vereador João Smolka, justificando-a pelas raízes que tem no Brasil a obra do eminente escritor com títulos como «A Selma» e «Muguetes» e a circunstância de estar presentemente a escrever um romance biográfico do pacificador general Rondon.

Por seu turno, o «Correio da Manhã» acrescenta que a proposta foi aprovada por unanimidade e que se realizará na referida rua, no dia 6 de Julho, o aniversário da fundação da cidade. A placa foi mandada fundir em bronze por iniciativa de um grupo de amigos e admiradores do escritor, e que a ofereceu ao município.



O painel dito dos Cavaleiros; fotografias feitas antes e depois do restauro de 1910. É evidente que as caras estavam tal como se vêem agora — não havia repinturas anteriores

## LUIGI DALLAPICCOLA

Por JOSÉ CARLOS PICOTO

**C**ONSTITUÍRAM sem dúvida um facto de grande relevo na vida musical portuguesa os concertos que Luigi Dallapiccola acabava de realizar em Lisboa e no Porto, para a Juventude Musical Portuguesa e a «Sonata», em colaboração com o violinista Sandro Materassi. E este notável duo, cujo escopo é justamente a vulgarização de obras de música contemporânea destinadas a este conjunto instrumental, gravou também dois recitais na Emissora Nacional, interpretando, entre outras peças, a Sonata de António Veretti, o «Duo Concertantes» de Stravinsky e a Sonata de Maurice Ravel.

Embora despertando um grande interesse, talvez que estes concertos não se tenham revestido daquelas características de acontecimento essencialmente propício ao grande público. Por isso vale a pena referir um pouco mais detalhadamente as facetas dominantes da personalidade de Dallapiccola, porventura a figura mais representativa da actual produção musical italiana.

Luigi Dallapiccola nasceu em Pádua, na Istria, a 3 de Fevereiro de 1904, e começou os seus estudos em Graz, tomando então contacto com a produção musical alemã do século XIX. Esses estudos foram continuados em Trieste e completados no Conservatório Cherubini, de Florença, a cujo corpo docente pertence

hoje Dallapiccola. Foi em 1930 que formou o referido duo com o violinista Sandro Materassi, segundo dissemos, com finalidade de divulgar



a mais recente música destinada a este conjunto instrumental, e nessa altura tomou também a seu cargo a representação italiana da Sociedade Internacional de Música Contemporânea.

As intenções modernistas de Dallapiccola reflectiram nas suas primeiras obras influências diversas, que denunciavam, como é natural, certa dispersão e imaturidade de estilo. No entanto, a «Partida» para orquestra, que vinha terminando esta primeira fase da sua evolução, e que foi apresentada pela primeira vez em Janeiro de 1933, tornou já muito conhecido o seu nome, revelando um estilo de contornos seguros e pessoais.

Não estava pois muito longe a conquista do caminho definitivo; para isso foi decisivo o encontro com Alban Berg e depois o estudo aprofundado da sua obra, assim como da produção de Schoenberg e Webern. O primeiro resultado desta nova influência foi o «Divertimento in quatro esercizi», que deste modo situava Dallapiccola como adepto do sistema dodecafonico, orientação geralmente seguida e desenvolvida nas suas ultimas criações. Entre elas devem apontar-se como especialmente relevantes os admiráveis «Canti di prigionia», as óperas «Volo di notte» e «Il prigioniero», a «Terzina», as «Variações para orques-

(Continua na 10.ª pág.)

# LETRAS

## O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

### A CONCLUSÃO ANTECIPAVA-SE ÀS PROVAS

(Continuação da 1.ª páq.)

especialistas deste sector da cultura espanhola.

Na Itália, como na Bélgica e na Alemanha, refaz-se, dia a dia, a sua História de Arte, mudam-se as tabelas dos quadros à medida que se esclarecem os problemas de identificação. Só não há ali Academias que se oponham

a que um director de Museu aplique um ponto de interrogação adiante de uma atribuição discutida.

Trabalhos franceses admitem há muito como sendo nossas algumas pinturas de que em Portugal se não cura; e até da América nos vêm esclarecimentos e indicações preciosas, a que as publicações académicas fecham os olhos — sistematicamente.

Assim é que temos diante dos olhos um volume inteiro de documentação referente à actividade de dois pintores portugueses em Espanha, na primeira metade do século XVI, de que não dá a menor notícia dos luxuosos albuns de fotografias de quadros que a nossa Academia de Belas-Artes edita e reedita, apenas precedidos de uma breve prosa, muito mais imaginosa do que documentada.

Ora Nuno Gonçalves, ora Gonçalves (sem Nuno), ora painéis de S. Vicente de Sé, ora painéis de S. Vicente de Fora, por se reconhecer, finalmente, que os de Sé arderam no Terramoto, e, portanto, não são os que ali viu Francisco de Holanda — pois era essa a «base da identificação».

pág. 25 de «O Pintor Nuno Gonçalves», lê-se: «As únicas cabeças que não tinham sido pintadas eram as dos dois monges que ocupam o segundo e o terceiro plano do «painel dos frades». Mas só estas tinham escapado».

Vamos reproduzir aqui, lado a lado, o painel chamado dos cavaleiros, antes e depois da «reintegração».

É evidente que nenhuma destas cabeças tinha sido repintada, em restauro anterior. Vemo-las apenas sujas, antes do restauro de 1910, e limpas depois. Com boas reproduções, a prova seria mais clara do que a que pode dar a impressão do jornal.

★

Que não é S. Vicente a figura central dos painéis, provou-o a sociedade o metuculo e sagaz investigador que é o dr. José Saraiva. O prof. Virgílio Correia algumas achegas ainda trouxe a reforçar essa conclusão indiscutível. E não faltam, além destes, argumentos para acabar com o erro, em que se obstinam alguns dos que o público classificou de Vicentistas.

(Conclui na 11.ª páq.)

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

## registo bibliográfico

«O CARTÓGRAFO DO INFANTE», por Frank G. Slaughter — Andre Bianco, o celebre cartógrafo de Veneza, encontra-se biografiado neste curioso livro por forma notável. E não é só o homem e o cientista — é também o ambiente da época, a figura do Infante e a vida lisboeta que surgem, em cores vivas, em cada página de «O Cartógrafo do Infante».

A tradução é de Marília L. de Vasconcelos e a edição da «Minerva».

«OS GRANDES MOMENTOS DA HUMANIDADE», por Stefan Zweig — Publicou-se mais uma tradução, a quinta, do livro do malogrado escritor Stefan Zweig «Os Grandes Momentos da Humanidade». Este primeiro volume da obra inclui «O Minuto Mundial de Waterloo». Edição da Livraria Civilização, do Porto.

«A MULHER QUE VOLTOU», por Mercedes Salisachs — Saiu a tradução portuguesa, de Antonio de Oliveira Coelho, do romance da escritora espanhola Mercedes Salisachs «A Mulher que Voltou». A consagrada escritora — Premio Ciades de Barcelona de 1956 — confirma neste seu volumoso trabalho as suas qualidades de romancista.

HISTÓRIA DA ENFERMAGEM, por Jean Calder — Editado pela Livraria Civilização, do Porto, publicou-se a tradução do livro de Jean Calder, «História da Enfermagem». Trata-se de um curioso trabalho de divulgação de grande interesse público. Inclui várias dezenas de gravuras.

«L'EXPRESS»

Compro n.º 1 a 324. E os n.ºs 329-331-347-350-351-359-365-366-367-373-394-396-408-410-412-414-415-418. Inf. preço. Resposta ao n.º 2563.



Desenho de Julio, reproduzido da revista mero inclui colaboração de Luis Albuquerque Vitor de Sá, Carlos Araújo, Orlando de Manuel Agra, Rui Feijó, Manuel Dias de José Estêvão Saporite

## O ENSINO

UM dos primeiros e mais importantes artigos da Constituição trata do problema educativo. Num dos seus parágrafos promulga-se a liberdade de ensino, não só pelo que diz respeito ao indivíduo, mas igualmente as próprias instituições que o ministram. — Holanda não renega neste aspecto as tradições de tolerância religiosa, de protecção aos direitos do ser humano e do cidadão, que a fizeram grande no passado. Essa liberdade, porém, não significa alijamento. Difícilmente se encontrará um país em que a protecção à iniciativa privada vá mais longe, através de órgãos do Estado que têm a seu cargo o estudo das subvenções.

Agora que está na ordem do dia o ensino livre, que em França re-

Pela amostra aqui dada no último artigo vê-se o crédito que merece a «integração» dos painéis.

Exagerou-se, poéticamente, o valor desse trabalho e a sua extensão.

Um exemplo, em que os olhos do leitor decidirão: a

3 volumes distribuídos em 36 fascículos impressos a cores, com profusas ilustrações no texto e estampas, quadros, etc., em extratexto, de elegante apresentação, mas em que a densidade do texto não é sacrificada ao mero luxo gráfico.

Um conjunto único de todos os assuntos de Biografia, Bibliografia, Genealogia, Heráldica, História, Iconografia, Efemérides Universais, Cronologia Histórica, Famílias Nobres, Filatelia, Nobiliarquia, Numismática, Títulos, etc.

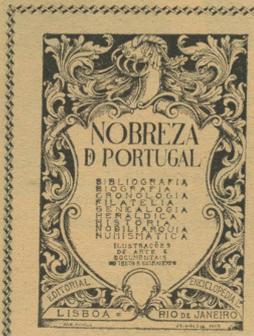
|  |              |
|--|--------------|
| Fascículo avulso (64 págs.)            | 25\$00       |
| Por assinatura (Pagamento adiantado):  |              |
| Série de 3 fascículos                  | 70\$00 Esc.  |
| Série de 6 fascículos                  | 140\$00 Esc. |
| Série de 12 fascículos (1 vol.)        | 280\$00 Esc. |
| Série de 36 fascículos (obra completa) | 800\$00 Esc. |

Queiram enviar-me, para apreciação, um fascículo de NOBREZA DE PORTUGAL, que devolverei no caso de não interessar:

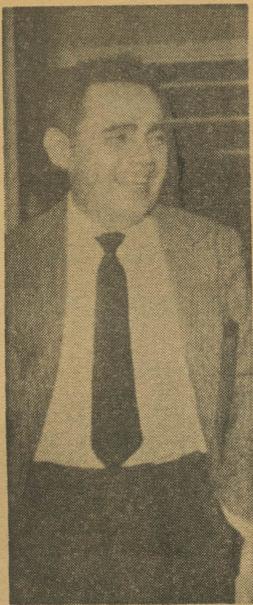
NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....



Enviar este cupão, preenchido, aos: EDITORES-PROPRIETÁRIOS: Editorial Enciclopédia, Lda. Rua António Maria Cardoso, 33. Telef. P. B. X. 26452 — LISBOA



Humberto Teixeira

## MÚSICA BRASILEIRA: ARTIGO DE EXPORTAÇÃO

### A PROPÓSITO DA LEI HUMBERTO TEIXEIRA

Por DUARTE RAMOS

JULGO oportuno, agora que nos foi dado apreciar no S. Luis mais uma embaixada artística que o Governo brasileiro enviou à Europa — esta a 3.ª caravana que no espaço de dois anos nos visita — recordar, neste breve apontamento, a personalidade do grande compositor brasileiro Humberto Teixeira, ao qual se devem alguns dos maiores êxitos que o ritmo do baiano propagou em todo o Mundo.

Na verdade, ao falar-se desse excelente conjunto que há pouco actuou em Lisboa com agrado geral do público que todas as noites enchia o cinema da rua António a Maria Cardoso, em autênticos festivais de música popular brasileira, não podemos esquecer o nome de Humberto Teixeira, ao qual se deve, na totalidade, o incremento dado para a divulgação, na Europa, da música trepidante, quente e arrebatadora do Brasil.

Esse cearense de quem José Lins do Rego disse: *nascceu com a música e poesia dentro de si*, nasceu em Igatuá e, desde jovem, manifestou o seu pendor para a música. Seria, no entanto, no Rio de Janeiro, onde se formou em Direito, que Humberto Teixeira, pela mão do saudoso Laurito Maia, que ele considera um dos maiores autores populares de todos os tempos, ingressou no meio musical. Em 1942 fazia a sua estreia no mundo do disco ao gravar com Dêo a «Sinfonia do Café».

Ao baiano se deve, todavia, a grande revelação de Humberto Teixeira como compositor (lembro, por exemplo, Kalú, Paraba, Baião em Paris, Sem ele, Sirlido, Baião de dois, etc.) que ele, por sua vez, revelou ao Brasil.

O prestígio e a popularidade grandiosos por Humberto Teixeira através da sua música foram de tal ordem que o Ceará elegeu-o deputado Federal, dando-lhe, assim, oportunidade de poder defender — como o faz realmente — no Parlamento, os interesses do seu Estado e as justas aspirações dos compositores e da música popular brasileira, de uma forma genérica. Basta recordar aqui a chamada «Lei Humberto Teixeira», que anualmente proporciona a viagem à Europa de agrupamentos artísticos, para se compreender até que

## «GAZETA MUSICAL E DE TODAS AS ARTES»

Mais um numero da «Gazeta musical de todas as artes» repleto do interesse que tem caracterizado toda a segunda série desta revista. Ilustra o presente número colaboração de Ise Losa, Urbano Tavares Rodrigues, Mário Rodrigues, Joel Serrão, João José Cochriel, José Fernandes Fafe e Manuel Mendes. Publica ainda as habituais secções: De mês a mês, Monda das letras; Leituras do mês, Cinema, Crónica dramática, Ballado, Concertos e Opera.

# A QUESTÃO DOS PAINÉIS O ENSINO NA HOLANDA

(Conclusão das págs. centrais)  
Que resta hoje da obra de José de Figueiredo como historiador e crítico de arte?

Logo após a sua morte, o prof. Reinaldo dos Santos retira o nome do pintor Jorge Afonso a obras com que ele procurava explicar a sequência e transição de formas pictóricas e atribui-as a Francisco Henriques, fazendo-o flamengo — sem que os flamengos suspeitem sequer de tal pintor entre os seus.

Do mesmo golpe, desaparece assim a sua atribuição a Francisco Henriques dos painéis de Palmela.

Mais tarde, um pintor «de que não se conhece qualquer documentação», mas que devia testemunhar, no século XVII, uma teoria do retrato português tão cara a Figueiredo, Domingos Barbosa, vem a averiguar-se que tal não existiu e que a obra é do conhecido pintor português Domingos Vieira — simplesmente má leitura da assinatura.

Por último, um sobrinho de José de Figueiredo, hoje director de um Museu, esquecendo os ensinamentos do próprio tio, abandona a sua interpretação, para avenge

## MÚSICA BRASILEIRA

(Continuação das págs. centrais)  
pretas da música brasileira, em autênticos «shows» para recordar, é possível apenas com os contratos com as empresas onde se exibem. Para que tal qualidade seja possível, tornou-se necessário criar uma lei que obrigue a vinda desses agrupamentos, cujas despesas, como é bem de calcular, ultrapassam todas as possibilidades de contratos particulares. Dai o apoio que o Governo concede e sem o qual não seria possível a deslocação além-fronteiras destas caravanas.

O objectivo em vista está bem patente. Agora, apenas resta esperar. A «Lei Humberto Teixeira» em breve começará a dar os seus lucros.

## A PALAVRA «ACÉDIA»

(Continuação das págs. centrais)  
mas, antes de isso ter ocorrido, transmitiu o seu sentido a outras palavras que, com a herança, enriqueceram o seu conteúdo.

JOEL SERRAO

- (1) Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine
- (2) V. Revers, «Psicologia del Aburrimiento», Revista do Occidente, pp. 18-20.
- (3) Idem pp. 23-24.
- (4) «Leal Conselheiro», cap. LXVII.
- (5) «Idem», cap. LXVIII.
- (6) «Leal Conselheiro», cap. LXIII.
- (7) V. «A palavra «aburrimiento» e o seu sentido», anteriormente publicado neste jornal.
- (8) «História Ecclesiástica», ed de 1744, p. 301.

## ARCOÍRIS

(Continuação das págs. centrais)  
— Há trinta anos, sim! Trinta anos! São muitos...  
E, em voz baixa, acrescentou:  
— Talvez de mais...

★  
O generalíssimo Franco e o conde de Barcelona reuniram-se, há dias, para escolher o curso que deverá seguir o príncipe D. João Carlos, porventura futuro rei de Espanha. E se o príncipe não tiver vocação para o curso escolhido?

L. O. G.

tar uma das mais estapafúrdias hipóteses sobre os painéis...

Parece, contudo, subsistir a tal espécie de tabú quanto ao S. Vicente, que já não é da Sé, e ao Nuno Gonçalves, que, atendendo à existência dos outros Gonçalves sobre quem existe documentação, mas não atribuições averiguadas, numa hora de hesitação mais conscienciosa deixara de ser Nuno — para logo depois o tornar a ser. E tão categoricamente, que nem uma interrogação é permitida ao director do Museu de Arte Antiga.

JOSÉ DE BRAGANÇA

(Continuação das págs. centrais)  
misso entre esses dois ensinos: o Lyceum, o qual tem grande favor entre a juventude estudiosa.

O *gymnasium* compreende seis anos de curso. Estudam-se nele o Latim e o Grego, em profundidade. Entre as disciplinas de opção aparece o Hebraico, o que se justifica pela elevada percentagem de elementos judaicos no ensino. Faz-se a bifurcação Letras (A)-Ciências (B) depois do segundo ano de estudos comuns. O primeiro ramo prepara para as carreiras das Letras, da Teologia ou do Direito, além de permitir o exame de admissão a outras escolas, como as mistas de Letras e Ciências Sociais ou de Letras, Ciências ou Economia. O segundo ramo prepara para as Faculdades de Ciências, Engenharia ou Agronomia.

O Lyceum compreende os dois anos de estudos comuns, ao fim dos quais o aluno segue, segundo as suas inclinações, o *curriculum* do *gymnasium* ou o do liceu moderno (h.b.s.), primeiro durante mais quatro anos e o segundo durante três ou quatro anos, de acordo com o plano escolar.

No h. b. s., cujo curso exige uma frequência de, pelo menos, cinco

anos, as línguas antigas são substituídas pelas modernas. A *Geografia*, a *História*, e a *Economia Política* ocupam nele um lugar de relevo, sobretudo na alínea A (Literatura e Economia).

Duma rápida análise das frequências comparadas, podemos concluir que quase metade da população escolar secundária segue o Lyceum, mais de um quarto o h. b. s., enquanto os restantes 25% se distribuem pelo *Gymnasium* e *Escola Secundária de Raparigas*.

O ensino universitário ocupa lugar importante na vida intelectual da Holanda, onde existem seis Universidades e quatro Escolas de Altos Estudos.

Pertencem ao Estado a Universidade de Leyde, Utrecht e Gronin-

house, Carlos Paiva e José Cardoso Pires.

Em Amesterdão existem a Universidade Comunal e a Calvinista, de ensino livre. A Católica tem a sua sede em Nimégue.

Dum modo geral, existem nestes estabelecimentos universitários as Faculdades de Letras, Teologia, Direito, Medicina (para a qual se exigem estudos clássicos) e Ciências.

A duração dos cursos é, em média, de seis anos, o que faz que os estudantes não abandonem a Escola antes dos vinte e cinco ou vinte e seis anos. Na Medicina, o problema ainda mais se complica, visto a frequência durar sete ou até oito anos.

A mais frequentada da Holanda é a Universidade comunal de Amesterdão, enquanto das do Estado é a de Utrecht que os alunos afluem em maior número.

E graças ao escol intelectual e trabalhador que sai das suas escolas, médicos, engenheiros, advogados, técnicos agrícolas e operários especializados, que este pequeno-grande país ocupa no mundo de hoje o lugar que lhe compete, pela dignidade e pela seriedade dum esforço que domina e dirige até as próprias forças da Natureza.

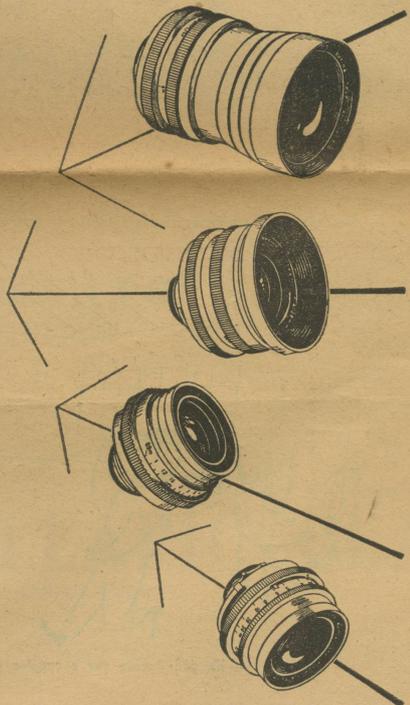
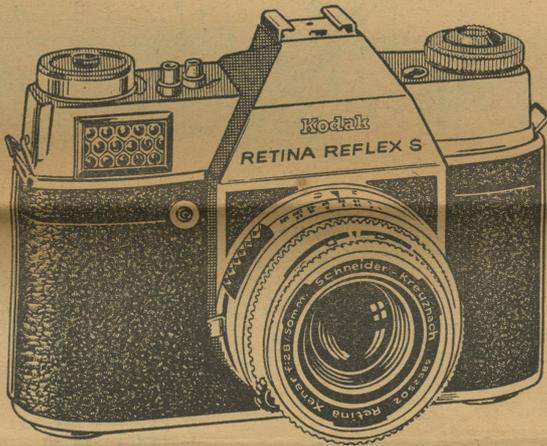
ANTONIO DIAS MIGUEL

## PUBLICAÇÕES

(Continuação das págs. centrais)  
teressa a toda a gente. Saliente-se do sumário um inquérito sobre a delinquência infantil a que respondem os profs. drs. Barahona Fernandes e Ferreira de Almeida; drs. José H. Saraiva, José Serrão, Manuel Farm-

# KODAK RETINA REFLEX S

O MÁXIMO REALIZADO EM MÁQUINAS DE PRECISÃO



TAL autêntico cérebro em corpo são, a Retina Reflex S realiza todos os desejos do fotógrafo. Óptica integralmente intermutável (objectivas de 28 a 135 mm).

Reflex monocular com visor pentaprismático apresentando a imagem quase em tamanho natural. Isenção de parallaxe. Controle automático de exposições. Objectiva Schneider-Xénar f: 2,8/50 mm. Focagem por meio de estigmómetro. Obturador Syncro-Compur de 1 a 1/500 seg. e pose.

Esc. 5.400\$00



RETINA IIS

Indicador automático de profundidade de foco. Xénar f/2,8/45 mm. Obturador Syncro Compur.

Esc. 3.300\$00



RETINA IIIS

Um único ajuste determina a exposição. Óptica intermutável Xénar 1/2,8/50 mm. Obturador Syncro Compur.

Esc. 4.200\$00



RETINETTE IIA

Automatismo e simplicidade verdadeiramente revolucionários! Reomar f/2,8/45 mm. Obturador Prontomat.

Esc. 2.100\$00

Peça-nos ou ao seu Revendedor Kodak detalhes para pagamentos suaves e catálogos grátis

KODAK PORTUGUESA LIMITED • RUA GARRETT, 33 • LISBOA